

RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA EM DIFERENTES NARRATIVAS

Acadêmico(a): Loyani de Souza Santos¹

Orientadora: Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo trazer discussões acerca de religiosidades presentes no Brasil, país este onde é por lei garantida a liberdade religiosa, sendo o estado laico e com diferentes modos de expressar a fé. O objetivo central é apresentar diferentes narrativas sobre as religiões de matriz africana e verificar se outras religiões que diferem da fé cristã sofrem preconceitos. Apesar de haver por lei uma garantia da liberdade de cultuar o sagrado de acordo com cada fé, ainda hoje, discursos preconceituosos fazem parte de nossa sociedade. A partir de entrevistas e da análise de um jornal do ano de 1967 em Nova Andradina sobre o Candomblé, religião muito atacada até os dias atuais, procuro evidenciar a história por trás da repressão religiosa e os discursos que acabam por perpetuar essa aversão ao desconhecido, além disso procuro trazer a história da religião Candomblé a fim de desmistificar os discursos que são atrelados a ela.

Palavras- chaves: Religião, Preconceito religioso, Racismo.

Abstract: This work aims to bring discussions about the religiosities present in Brazil, a country where religious freedom is guaranteed by law, with the state being secular and with different ways of expressing faith. The central objective is to present different narratives about African-based religions and verify whether other religions that affect the Christian faith suffer prejudice. Despite the law guaranteeing freedom of culture or sacredness according to each faith, prejudiced speeches are still part of our society today. Based on interviews and analysis of a 1967 newspaper in Nova Andradina about Candomblé, a religion that is much attacked to this day, it seeks to highlight the history behind religious repression and the speeches that end up perpetuating this version into the unknown. Furthermore, we seek to bring the history of the Candomblé religion in order to demystify the discourses that are linked to it.

Keywords: Religion, Religious prejudice, Racism.

Introdução

Questões sobre religião há muito tempo estão presentes no seio de nossa sociedade, onde a discriminação, a repressão dos cultos religiosos não cristãos e sua forma de expressar a fé são constantes, tornando-os alvo de represárias, agressões verbais e físicas, além da não validação religiosa.

Com este trabalho busco apresentar os caminhos percorridos pelas religiões afro-brasileiras, a partir de pesquisas de história oral e de uma análise do jornal *O Pioneiro* de Nova Andradina para desvendar as questões relacionadas aos discursos

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

² Professora adjunta do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina.

religiosos, algo que até os dias atuais é utilizado como forma de invalidação religiosa, quando pessoas trazem sua religião como sendo a correta sobre a outra.

Ao apresentar relatos obtidos nas entrevistas que foram feitas com líderes religiosos/as e adeptos/as de diferentes religiões modificarei os nomes dos/as entrevistados/as, preservando assim suas identidades. Com as entrevistas procurei observar características pessoais e identitárias de cada religião e ao analisar os resultados obtidos, investigo como as vivências pessoais interferem nas percepções religiosas de cada indivíduo.

Há muito tempo o uso das mídias digitais vem cada vez mais se intensificando em nossa sociedade, as questões que serão abordadas neste trabalho estão se tornando elementos muito presentes nas representações midiáticas como em filmes, festas populares e músicas que trazem a elementos das religiões de matriz africana como sendo a representação do mal na terra, algo que acaba por perpetuar as discriminações e preconceitos atribuídos aos/às adeptos/as desta religião que a muito tempo vem sendo alvo de ataques e de ameaças durante a história da humanidade.

O elemento religioso é e sempre foi uma questão muito ativa dentro de todas as civilizações, o acreditar no desconhecido e no impalpável seria a razão para continuar e ser melhor todos os dias. Atualmente existem muitas religiões e é protegida por lei a liberdade ao culto e a representação religiosa. No Brasil estes direitos estão garantidos em nossa Constituição Federal de 1988 e nos documentos normativos educacionais as temáticas da história e da cultura afro-brasileira são elementos pertinentes para o ensino; trazer a história de resistência, às significações de maneira mais abrangente se torna essencial para acabar com os preconceitos que são obtidos através dos discursos.

A Lei 9.394 de 1996, LDB - Lei de Diretrizes e Bases é um importante documento que estabelece as bases para o ensino e no seu artigo 3º destaca essas questões sobre a valorização do/a outro/a, como algo muito importante para as relações humanas, entender as diferenças e respeitá-las é fundamental para que em diferentes esferas sociais alunos/as possam estar atentos às diferenças de conceber o mundo, podendo não concordar, porém respeitando as especificidades do/a outro/a (BRASIL, 1996).

A Lei 10.639 de 2003 é um marco muito importante na história afro-brasileira, pois vem estabelecer a obrigatoriedade do ensino dessa história que a muito tempo vinha sendo desvalorizada. A temática das religiões constitui um grande elemento cultural e com a entrevista feita com uma aluna de uma escola pública de Nova Andradina, que faz parte da religião Umbanda, que trazem em seus ideais o culto aos orixás e guias espirituais, busco compreender como esta temática é vista dentro da escola e como esta religiosidade é compreendida em seu convívio social, às religiões afro-brasileiras Umbanda e Candomblé partem pelo mesmo princípio tendo bases da africanidade em sua formação.

Proponho aqui trazer para análise a religião Candomblé mostrando as formas de repressão que esta sofre por líderes e adeptos/as de religiões cristãs. Em notícia do ano de 2022 intitulada *Terreiro de Candomblé denuncia ataque de intolerância religiosa pelo segundo dia consecutivo no sul da BA* fica evidente a não validação religiosa e o ódio pelo sagrado cultuado pelos/as denunciantes, assim diz a notícia:

O grupo diz ainda que os evangélicos teriam agredido a neta e a mãe de santo do local. Já nesta segunda-feira (14), o terreiro recebia um grupo de filhos de santo, por volta das 21h, quando os adeptos da religião de matriz africana perceberam que o assentamento de Exu, que já havia sido vandalizado no dia anterior, estava totalmente destruído. (G1 BA e TV Santa Cruz, 2022)

A partir desta notícia é notório o quão grande é a repressão religiosa no Brasil ao agredir outra pessoa tendo em vista sua religião, o que é crime, assim como a destruição do sagrado, sendo assim, tendo em vista as raízes históricas desse tipo de repressão, é perceptível que ainda hoje se tem uma “inquisição religiosa” no Brasil, apesar de ter diferenças do que acontecia lá nos séculos passados, tais formas de ataque podem ser vistas como tal. Ressalto que a perseguição religiosa, agressão, repressão ao culto é crime; de acordo com a Constituição Federal de 1988 no Art. 5 nos incisos VI e VIII versa que

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

A partir destes pressupostos apresentados, este trabalho será dividido em três partes onde analisarei uma edição de um jornal de Nova Andradina- MS de nome *O Pioneiro*, e utilizarei da pesquisa de história oral como fonte nos desdobramentos sobre a religião Candomblé e quais discursos são associados a ela. Cabe aqui ressaltar que o jornal pode ser entendido como fonte histórica, como bem argumenta Tania Regina de Luca, 2008 em seu texto intitulado de *A história dos, nos e por meio dos periódicos* mostra a história do uso desse método de estudo de historiadores e a infinidade de observações que podem ser feitas a partir do uso de periódicos como fonte historiográfica, e como o historiador pode se utilizar dessa fonte, e que a história oral é um importante elemento para conhecer a histórias não contadas; sobre a história oral Verena Alberti, 2008 em *Histórias dentro da história* destaca o papel da história oral e como esta é entendida sendo significativamente novo, esse método de se estudar a história se caracteriza pela gravação de temas que as pessoas que vivenciaram sendo algo do interesse do pesquisador. A partir da história oral é possível reconhecer o papel dos oprimidos perante a sociedade; reconhecer a historicidade presente na sociedade e trazer a história não contada, é o caminho para que o estudo da humanidade não tenha um caráter hierarquizado e excludente.

No primeiro tópico abordarei uma breve história do Candomblé e da Umbanda, trazendo o sincretismo religioso para análise; este é um elemento muito presente dentro das raízes históricas dessa religião, sendo assim, trarei os caminhos de luta e resistências dessas religiões afro-brasileiras, em um país onde o preconceito religioso ainda é algo comum, com muitos casos de ataques às mesmas, tendo em vista a demonização que estas sempre sofreram na história brasileira, com as observações sobre o sincretismo religioso presente nas religiões brasileiras; busco retratar sua influência na identidade de cada religião.

Em segundo momento apresento uma análise sobre o jornal *O Pioneiro* de Nova Andradina do ano de 1967 onde uma notícia sobre a religião Candomblé foi redigida, abordando elementos grandemente influenciadores que contribuem para o preconceito e estereótipos em relação a esta religião, a partir dessa fonte jornalística trarei como a questão ideológica e de discursos acabam por trazer uma visão

estereotipada da religião, sendo esta uma base para a persistência da intolerância religiosa presente até os dias atuais.

No terceiro tópico, com as pesquisas de história oral sobre o tema com líderes religiosos/as em Nova Andradina, trarei as descobertas obtidas durante estas entrevistas a fim de problematizar e mostrar como os discursos religiosos impactam na visão dos/as fiéis sobre a religião Candomblé.

Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21-22) em seu texto de nome *Notas sobre a experiência e o saber de experiência* diz

A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça.

A questão apresentada pelo autor é um tópico muito importante para se pensar a problemática das religiões no Brasil, trazer uma diversidade de concepções para sala de aula. É importante, porém, o método precisa ser repensado para que a experiência em si seja algo enraizado em seu ser. A experiência é algo que lhe acontece, portanto muito conteúdo não fará com que o/a aluno/a aprenda em sua totalidade e leve os ensinamentos para sua vida, como algo que este/a aplicaria diariamente e sim implicaria em um acúmulo de informações que não fazem sentido. Valorizar as experiências dos estudantes pode tornar o estudo muito mais significativo.

Religiões afro-brasileiras uma cultura sincretista

As religiosidades afro-brasileiras, como todas as outras, têm um amplo significado para aqueles que a elas aderem sua história é marcadamente influenciada por outras religiões. A história da humanidade foi por muito tempo elaborada a partir dos mais fortes, ao pegarmos a história do Brasil fica evidente um grande apagamento cultural e identitário, a historiografia em sua maioria era vista a

partir do viés dos grandes descobridores e personalidades consideradas importantes do ponto de vista eurocêntrico, e esse apagamento foi algo muito presente na história das religiões afro-brasileiras.

Religiões de matriz africana, desde a chegada dos colonizadores ao Brasil vem sendo alvo de grandes represálias. O período escravocrata brasileiro, com mais de 300 anos de duração, foi um elemento principal no apagamento da cultura negra e de imposição de ideologias que vieram com os colonizadores quando chegaram ao Brasil.

A cultura negra é um grande elemento que acaba por passar despercebido diariamente em nossa sociedade. Um importante fator para análise se encontra na noção religiosa e na história dessas religiões em si, como o próprio nome nos diz as religiões que hoje chamamos de afro-brasileiras tiveram suas raízes históricas na África; vindo para o Brasil com a escravidão, essas religiões acabaram por abraçar-se no intuito de manter suas manifestações religiosas.

Sobre as religiões afro-brasileiras, o Museu AfroBrasil (2017) apresenta o Candomblé como um elo entre o Brasil e a África. Sendo praticada no Brasil desde o período colonial permitiu um restabelecimento de suas religiões de origem. A escravidão brasileira ocasionou em milhares de mortes, além de um silenciamento de elementos essenciais de suas crenças, a formação das famílias de santo foi essencial para a resistência religiosa em que os/as candomblecistas e umbandistas praticam diariamente ao aderirem a estas formas de culto.

Atualmente há lugares específicos onde os cultos religiosos são praticados, as chamadas casas de santo são espaços onde os praticantes das religiosidades afro-brasileiras cultuam seus guias e orixás, lugares estes sagrados assim como em catedrais e igrejas presentes Brasil afora. As casas de santo tem muitas regras e fundamentos a serem seguidos, como o respeito às entidades e o comprometimento com os donos de seus caminhos é essencial, o estabelecido no período de escravidão ainda é utilizado atualmente, com resistência e fé as religiões afro se mantem.

Os/as negros/as escravizados/as sofriam muita submissão a partir da elite branca naquele período, essa submissão estava presente em todos os aspectos de sua vida, sendo a religião e a identidade religiosa um elemento central de observação. Partindo por este pressuposto Sergio Sezino Douets Vasconcelos,

(2013), que em seu texto *Igreja Católica e a escravidão no Brasil colônia: uma abordagem cultural* traz o papel da Igreja Católica durante o período colonial e escravista brasileiro, trazendo a obrigatoriedade dos escravos de aceitar a fé cristã, e aspectos que contribuíram para a submissão e a invalidação religiosa dos negros.

Sobre o papel da igreja dentro do período colonial em relação aos escravos Vasconcelos, (2013, pág. 5) frisa que

Não é possível separar a atuação missionária da Igreja, do seu papel na empresa colonial portuguesa. Igreja e Estado formavam uma unidade. Muitos escravos eram sumariamente, ao serem capturados, já batizados na África, ou imediatamente nos portos brasileiros antes de serem vendidos e levados para os engenhos de açúcar. Dom João II ordenou que os escravos fossem marcados a ferro quente com o símbolo da coroa portuguesa como prova que o imposto real já havia sido pago na África. Esta mesma marca servia também como certificado do batismo cristão. Posteriormente Dom João IV substituiu a marca de ferro por uma argola pendurada no pescoço que continha o mesmo significado.

Acerca da temática das religiões afro-brasileiras, Brunno Ferreira Gomes (2017) evidencia que tais religiões de origem afro no Brasil se difundiram através de um importante meio, à tradição oral fez com que a fé e a espiritualidade continuassem a fazer parte de seu ser.

Muita coisa acerca da identidade religiosa foi modificada, algo que destaca-se nessa grande mudança é o sincretismo religioso e sobre esta constatação dentro das religiões afro Reginaldo Prandi (1998, p. 153) destaca que:

Desde o seu início, as religiões afro-brasileiras formaram-se em sincretismo com o catolicismo e em grau menor com religiões indígenas. O culto católico aos santos, de um catolicismo popular de molde politeísta, ajustou-se como uma luva ao culto dos panteões africanos. Desde sua formação em solo brasileiro, as religiões de origem negra têm sido tributárias do catolicismo. Embora o negro, escravo ou liberto, tenha sido capaz de manter no Brasil dos séculos XVIII e XIX, e até hoje, muito de suas tradições religiosas, é fato que sua religião enfrentou-se desde logo com uma séria contradição: na origem, as religiões dos bantos, iorubás e fons são religiões de culto aos ancestrais, que se fundam nas famílias e suas linhagens, mas as estruturas sociais e familiares às quais a religião dava sentido aqui nunca se reproduziram.

Ainda dentro das influências de outras religiões dentro das religiosidades de origem afro, Vicente Galvão Parizi (2020, p. 48) salienta que:

A semente original trazida pelos escravos sofreu influências de outras religiões (cristianismo, religiões indígenas, espiritismo) e contextuais (escravatura, proibição de práticas africanas pelas autoridades brasileiras,

falta de iniciados em alguns aspectos da religião, como babalaôs, e um vasto etc.), tudo contribuindo para dar às religiões afro-brasileiras uma feição particular. Mesmo a questão da língua deve ser observada: durante séculos às línguas africanas ficaram restritas aos cultos, desaparecendo do cotidiano onde o português tornou-se majoritário, até o ponto de se poder falar numa língua praticamente exclusiva para o culto, onde na maior parte das vezes o adepto não apenas pronuncia erradamente as palavras, como não sabe seu significado.

A cultura sincretista que foi atrelada às religiões de matriz africana é um elemento que acaba por contribuir gradativamente na perda dos valores e noções ligadas à sua raiz histórica, sendo algo muito pensado, o sincretismo religioso se tornou alvo de grande apreensão em relação às especificidades de cada religião, assim como aponta Afonso Maria Ligorio Soares (2002, p. 51), na problemática em relação ao sincretismo de que “até quando a memória coletiva manterá a tradição religiosa sem nenhum dano sob sua origem tendo em vista a junção de elementos de diferentes religiões.”

A história das religiões afro-brasileiras precisa ser contada, pois o desconhecido é algo que traz uma insegurança e medo, portanto, trazer uma significação mais abrangente da cultura negra dentro do ramo das religiões é essencial; as religiões afro Candomblé e a Umbanda tem preceitos muito importantes a serem seguidos por seus/suas adeptos/as. Sabe-se que suas origens remontam à África, onde seu contato com as premissas dessas religiões é algo muito forte.

No Brasil o Candomblé, que a partir do que ressalta Brunno Ferreira Gomes (2017) , se estabeleceu a partir da oralidade mantendo aspectos de sua origem. Em seu texto, Gomes estabelece importantes elementos identitários da religião, sendo estes diferentes nações, conseqüentemente com diferentes formas de ritos, e sua relação com os orixás que têm uma relação explícita com elementos da natureza.

A Umbanda é uma religião que, apesar de ter grandes aproximações com o Candomblé nas questões dos cultos de origem africana, surge no Brasil a partir de uma mescla religiosa. O significado da Umbanda segundo Reginaldo Prandi (1998) incorpora elementos brasileiros, no culto aos caboclos (espíritos de índios) e preto velho (espíritos de escravos), a Umbanda, segundo o autor, manteve suas raízes culturais africanizadas, porém trazendo a cultura sincretista sob sua forma de cultuar o divino.

Partindo do pressuposto de apresentar a história das religiões afro-brasileiras, o livro escrito por Vicente Galvão Parizi (2020) intitulado de *O livro dos orixás: África e Brasil*, conta a história das religiões afro. Trazer tal pauta para narrativa é fundamental para que discursos que demonizam as religiões de matriz africana possam ser modificados. Dentro das religiões de matriz afro se tem diversas palavras que significam um aspecto da religião e o que estes acreditam; o livro dos orixás é um importante elemento para o pleno conhecimento dessas religiosidades que sofrem ataques diariamente, esse livro vem a apresentar as características dos orixás, algo que é muito importante, pois traz o sentido por trás dos discursos demonizadores que são atribuídos a estas religiões.

Geralmente nos cultos das religiões monoteístas que acreditam em um só Deus, há dois orixás em específico que são tidos como o mal na terra, os considerados destruidores de vida, os orixás em questão seriam Exu e Pomba gira sobre este Parizi (2020, p. 86) destaca que

Morador das encruzilhadas – ponto de encontro de todos os caminhos pode ir não só para todas as direções, mas para o passado e para o futuro: “Exu mata ontem um passarinho com pedra que atirou amanhã”. Ou ainda, “Exu é o primeiro nascido e o último a nascer”. As encruzilhadas representam todas as possibilidades; portanto, Exu favorece os encontros e as possibilidades de encontro, o que inclui o encontro entre Orum e Aiyê. Mensageiro dos Orixás, está na intersecção entre Orum e Aiyê, por isso sua ligação com as encruzilhadas. Eis também porque Exu favorece o equilíbrio entre as coisas materiais e as espirituais. Assim, Exu é quem pode nos dar um bom destino.

Ainda sobre o papel de Exu e as representações em outras religiões Parizi (2020, p. 87) ressalta que

Exu é o Orixá mais incompreendido pela cultura cristã. Representado pelo falo (símbolo de criação), pelo chifre (símbolo tradicional de poder retratado até no Moisés de Michelangelo) e pelo porrete (símbolo de sua força), foi confundido com o demônio católico, e assim é visto por pessoas menos instruídas, que o temem como representante do mal. Porém, nada mais distante da realidade. Exu é o defensor da justiça, o melhor e mais leal amigo, o melhor conselheiro. Exu é alegre, fiel, leal, nunca abandona seus adeptos; responsável pela ordem, pela disciplina, zelador da lealdade, respeito, perseverança e paciência.

A história das religiões de matriz africana é cheia de muitos simbolismos e significados distintos, ter uma compreensão de sua matriz histórica de lutas e resistências dentro da cultura negra é essencial para que os apagamentos históricos

e culturais que sofrem esses grupos que a muito tempo são deixados de lado, possam ter assim uma ressignificação no imaginário popular, sobre a importância da religião na identidade e na formação de determinados grupos sociais.

A religiosidade em geral é algo que move diferentes sociedades, a história do Brasil é marcadamente excludente e inviabilizadora, desde a chegada dos europeus em solo brasileiro ocorreram várias formas de apagamento, onde suas próprias concepções são tidas como as verdadeiras, esses discursos acabam por serem grandemente influenciadores nos discursos sociais e isto aparece tanto na questão indígena quanto na cultura negra. A lei que dispõe sobre o ensino da cultura afro-brasileira é portanto, um elemento muito importante como forma de resistência a séculos de silenciamento; as religiões afro-brasileiras surgem como a luta dos/as negros/as e descendentes às barbáries aplicadas a estes/as durante séculos de escravidão e de silenciamento em todas as esferas de sua vida.

Jornal *O Pioneiro*

Em uma edição do jornal *O Pioneiro* de Nova Andradina do ano de 1967 sobre a religião Candomblé foi evidenciado o retrato da intolerância presente em vários ramos da sociedade brasileira, apesar de ser uma notícia que data de mais de cinquenta anos ainda hoje aspectos nesta notícia se fazem presentes em nossa sociedade, como estereótipos sobre a religião e o desrespeito às diferentes formas de cultos presentes na religião Candomblé.

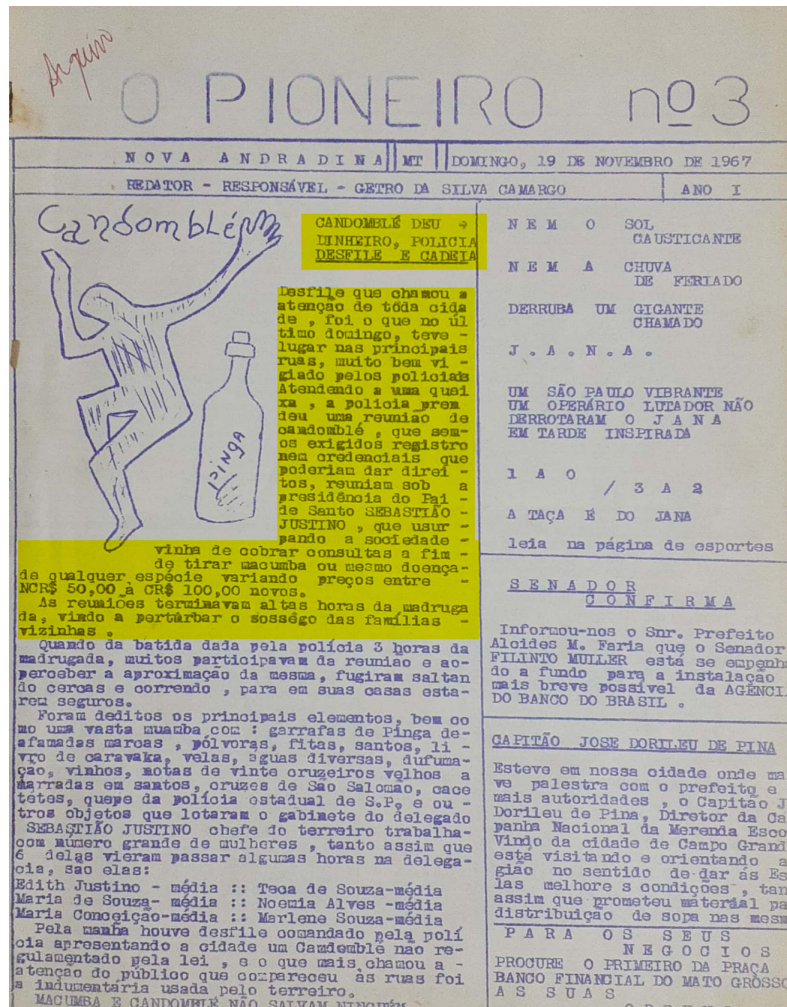


Imagem 1: Jornal O pioneiro Nova Andradina
Fonte: Acervo do Museu Histórico e Cultural Antônio Joaquim de Moura Andrade

Ao analisar a notícia deste jornal é perceptível elementos que ainda hoje são usados pelos não praticantes da religião Candomblé para defini-la, as imagens utilizadas pelo redator da notícia se torna um grande exemplo dessa constante 'inferiorização' religiosa, a imagem da pinga e de uma pessoa dançando é um grande elemento utilizado para descredibilizá-la como se restringisse apenas a esse fator.

Um tópico muito importante para análise seria a forma negativa na qual o pai de santo na notícia foi tratado, como um grande usurpador da sociedade, ao pensarmos na história das religiões podemos entender que ajudas para manter o propósito em pé sempre foram utilizadas pelos/as líderes religiosos*as, isto se faz presente a muito tempo como na venda de indulgências na Idade Média ou com o

dízimo; essas ajudas muitas vezes são dadas sob propósito de cura, restauração familiar, ou melhoria financeira.

Às premissas dessas religiões moralmente aceitas desde sempre se utilizam de contribuições de fiéis, porém algo que até hoje incomoda é o fato de acreditar no sagrado sob outra perspectiva, sabe-se que as religiões cristãs são monoteístas, acreditam em um único Deus, a submissão religiosa sempre fez parte da história da humanidade, isso aconteceu grandemente com as civilizações antigas e com os próprios povos indígenas no Brasil, a muito tempo a questão da salvação por um único deus é pregada inviabilizando o modo de ver o mundo do outro assim como a maneira em que creem no sagrado.

As religiões de matriz africana sempre foram desconsideradas, por uma de maior destaque; o cristianismo com o passar dos anos alcançou um espaço ainda maior do que exercia antigamente, sendo assim os discursos pregados nos cultos são elementos influenciadores para a continuidade de preconceitos, intolerância religiosa e discriminação que cresce diariamente.

O jornal *O Pioneiro* de Nova Andradina do ano de 1967 é o retrato de uma sociedade muito preconceituosa que ainda hoje difunde pensamentos que eram muito presentes no Brasil colonial, o desrespeito ao sagrado sempre aconteceu no Brasil, sendo presente na notícia, na questão de reprimir a liberdade ao culto religioso e o axé como os candomblecistas denominam.

A bagagem religiosa e a própria influência familiar colabora para a aversão aos cultos afro; a perspectiva de líderes religiosos têm atuação direta nas premissas apresentadas aos fiéis e a população em si, o jornal *O Pioneiro* se faz um grande exemplo dessa visão religiosa negativa sob a outra, o redator da notícia no ano de 1967, pastor e com grande influência acaba por corroborar com o que foi citado. Sobre as religiões monoteístas, assim diz o texto denominado "Intolerância religiosa", de Stefani *et al.* (2020, p. 212)

Essas religiões sustentam a convicção de que a existência, o sentido e o valor do mundo dependem da providência de um Deus pessoal, distinto do mundo e absoluto em termos de bondade e poder. O monoteísmo, diferentemente do politeísmo, não se fundamenta de especulações humanas, mas do testemunho do próprio Deus: uma revelação divina que se dá na história, cujo conteúdo guarda o mistério da Verdade. E "a verdade da revelação, qual seja o próprio Deus, seria o objeto da busca humana por sentido e de sua ânsia por conhecimento".

A crença na verdade absoluta a partir de um Deus único abordada neste texto faz com que automaticamente desconsiderem outra religiosidade, através da notícia presente no Jornal *O Pioneiro* feita pelo pastor pode-se estabelecer grandes constatações nas quais fica evidente o cunho religioso a partir de experiências pessoais na notícia para a população. Sobre o jornal GONÇALVES (2016) expõe a relevância dos/as redatores/as socialmente o que acarretaria em uma submissão a partir das ideias apresentadas pelos/as mesmos/as, pois estes/as seriam as pessoas consideradas com maior inteligência.

O jornal *O Pioneiro* de Nova Andradina, nome escolhido justamente por ser o primeiro a surgir na cidade em desenvolvimento, assim como afirma Gonçalves (2016) foi muito relevante na construção das identidades e ideologias das pessoas, sendo redator e proprietário, Getro da Silva Camargo trouxe em sua bagagem ideológica um cunho grandemente religioso isso se expressa muito na edição de número 3 do jornal na notícia que evidencia suas concepções acerca desta religião.

Autoridades religiosas, discursos sobre religião

A noção de bem e do mal sempre foi algo muito presente dentro das religiões a doutrina de ensinamento religioso é um elemento que os norteia no ato de expressar sua fé, e o culto religioso dentro dessa perspectiva da doutrina, cada igreja e lugar de culto estabelece em seus ensinamentos a valorização do sagrado e do que é correto a partir do que creem.

Partindo por este pressuposto, a partir das entrevistas feitas com líderes religiosos em Nova Andradina, trarei noções religiosas e discursos atrelados às religiosidades,, buscarei compreender como noções religiosas que advém de um contexto antigo ainda hoje se fazem presentes em nossa sociedade, e como os discursos difundidos influenciam grandemente na aversão às religiões afro-brasileiras.

Entender a raiz da problemática de cunho religioso que se estende até hoje se faz necessário para que assim possamos passar a romper paradigmas que desde sempre foram atrelados às religiões afro, para isso as entrevistas realizadas com padre, pastor e pai de santo se tornaram elementos indispensáveis para

compreender as especificidades de cada religião e o que estes consideram bem ou mal a partir de suas vivências.

Nas questões apresentadas aos entrevistados busquei compreender o que estes conhecem da religião Candomblé e Umbanda, a partir daí estabelecer um entendimento que busque abranger a questão de doutrina, o passado da religião, além de o próprio entendimento pessoal de cada indivíduo, o que influencia grandemente nas percepções sobre às demais religiões, como o respeito a toda forma de culto ou a desvalorização das mesmas.

Para as entrevistas, realizei um roteiro para auxiliar no momento em que falei com o entrevistado. Das entrevistas, grandes resultados foram obtidos sendo muito esclarecedores na questão de entender o problema de intolerância religiosa sofrido pelos adeptos da religião afro-brasileira.

Em Nova Andradina foi realizada a entrevista com o Padre João que afirmou ser graduado em Filosofia, Teologia e tem três pós-graduações nas áreas de religiões, de onde vem sua compreensão sobre as religiões afro-brasileiras. Este é um tópico muito importante para teorizar as questões ideológicas difundidas na cidade de Nova Andradina.

Nas minhas idas à Igreja ou 'casa do Senhor' como é comumente chamada por fiéis, para assistir a missa, observei que o padre faz os seus discursos de modo a não desqualificar outras religiões pode-se portanto, entender esta constatação a partir de sua própria vivência e na sua formação acadêmica em que o mesmo esclarece que teve um amplo contato com a história das religiões, obtendo então um maior entendimento sobre elas, afirmando acreditar em seu Deus, porém não desmoralizando o/a outro/a.

Algo citado pelo padre é que em seu próprio meio familiar tem pessoas que fazem parte das religiosidades africanas e a partir daí se tem um maior contato com o que a religião afro prega e às divindades a ela atreladas; em conversa com o padre este mencionou um livro no qual se baseiam para estudos, no livro apresentado na imagem a seguir estão presentes vários documentos que vem diretamente do Vaticano onde o catolicismo é firmado e a noção sobre as religiões é apresentada, de forma a manter a identidade religiosa de cada religião, em especial o catolicismo.



Imagem 2: livro de documentos da igreja
Fonte: acervo pessoal

Em um primeiro momento questionei o padre sobre seu conhecimento sobre religiões afro, sobre o Candomblé ou a Umbanda e ele frisa muito em sua fala a questão da identidade religiosa de sujeito, apesar de terem uma ancestralidade em comum, a preocupação com a questão identitária de cada religião se tornou um dos elementos chaves na discussão sobre as religiões que se seguiu, fundamentado em sua formação e com relação a ter contato em seu meio familiar, o padre discorre sobre a origem da Umbanda, onde a mescla religiosa é evidente, sendo uma religião propriamente brasileira e o Candomblé foi trazido ao Brasil pelos/as escravizados/as.

Reconhecendo a grande demonização que sofrem estas religiões, o padre João atrela isto aos despachos e a questão dos cultos, considerando a questão do bem e do mal, abordado anteriormente; como um elemento muito presente na história da humanidade, isso é trazido pelo padre a fim de estabelecer uma justificativa para esta questão de preconceitos às religiões afro-brasileiras.

O sincretismo religioso foi um assunto citado pelo padre ficando evidente uma grande crítica acerca da perda da identidade religiosa, principalmente no que diz respeito ao catolicismo em si, onde elementos desta religião são incorporados aos

cultos das religiões afro. O documento presente no livro já citado, denominado de Nosso tempo, traz os ensinamentos sobre as religiões reconhecendo o que seria verdadeiro e santo nas religiões não cristãs, mas, como afirma o padre, a igreja teria por obrigação anunciar a Cristo como sendo o caminho, a verdade e a vida, portanto, vindo a estabelecer a sua própria identidade religiosa.

Sobre os cultos das religiões de matriz africana este mencionou ter presenciado seus cultos sob forma de estudo das religiões onde teve contato com sua formas de ver o sagrado, como os búzios, às formas de descobertas do passado e futuro, às incorporações e os despachos, denominação dada às oferendas/ofertas em agradecimento aos guias espirituais, e em sua família onde aqueles/as que faziam parte das religiões afro eram cobrados/as a cumprirem suas responsabilidades com seus guias e orixás que cuidam do seu ori (cabeça).

Abordando um elemento muito comum dentre os/as candomblecistas e umbandistas sobre não gostarem que mexam em sua cabeça, pois seria morada do orixá, o padre percebe essa ampla variação entre as religiosidades, além disso as guias são um elemento destas religiões muito forte, muitas vezes confundidas com colares, mas que trata-se de uma proteção para o/a médium, variando as cores que correspondem a uma determinada entidade.

Somadas as religiões Candomblé e Umbanda, segundo o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 1991, mostra que cerca de 648.465 pessoas fazem parte destas religiões, no ano de 2000 houve uma diminuição na população adepta de tais religiosidades, ainda de acordo com os dados do IBGE cerca de 525.013 pessoas somadas fazem parte dos cultos afro, em 2010 umbandistas e candomblecistas somaram 588.797 retomando um aumento de umbandistas e candomblecistas; nos anos seguintes não foram encontrados registros sobre as religiões no censo demográfico.

Nas comparações feitas por Matheus Pestana (2021) entre o censo de 2010 e a pesquisa Datafolha realizada em 2020, este estabelece que houve um aumento em praticantes das religiões afro-brasileiras, porém, a margem de erro nas pesquisas deve ser considerada.

A partir destas constatações indaguei ao padre sobre o que este pensava acerca do crescente número de praticantes de religiões afro-brasileiras, neste momento ficou evidente um certo receio ou talvez um descontentamento sobre a

devida pergunta, entretanto não expressou objeção em respondê-la, estabelecendo que houve uma intensa procura pela espiritualidade, uma crítica explícita na qual este faz a estas pessoas seria através do termo “modismo” atribuídos a estas religiões, a questão novamente abordada pelo padre seria a identidade religiosa e como estes/as enxergam o espiritual em si.

Outro elemento levantado pelo padre João foi a abertura maior presente nas religiões de matriz africana, acolhendo pessoas LGBT, por exemplo, e fazer o que quer em relação à sexualidade. Essa liberdade religiosa faria com que as pessoas se encantassem por estas religiões, o misticismo, também seria um fator fundamental para este aumento, a busca pelo desconhecido é algo que os/as encantaria, na percepção do padre. Sobre o conhecimento das religiões em geral, ele afirma que há ainda hoje questões em que a sociedade não entende, portanto, estabelecer um conhecimento é importante.

Na entrevista com o padre observou-se que este é uma pessoa que tem um amplo conhecimento sobre as religiões no geral. Tópico interessante a se analisar é a questão onde o mesmo ficou muito desconfortável para responder a pergunta a todo tempo se justificando, trazendo elementos claros de nervosismo nesta última indagação em específico, este procura trazer para discussão sua própria religião, onde há uma grande exaltação religiosa e uma crítica aberta à confusão, como ele mesmo diz, que a população tem sobre as religiões.

Na busca por entender os discursos difundidos em relação às religiões afro-brasileiras, elaborei uma entrevista com um pastor de Nova Andradina, na qual o denominei de Samuel, seguindo os mesmos princípios da entrevista com o padre deixei claro que esta entrevista é para fins acadêmicos, onde sua identidade permaneceria preservada podendo assim se sentir à vontade para expressar suas ideologias a respeito das religiões candomblé e umbanda.

Sendo assim o mesmo roteiro que utilizei na conversa com o padre foi utilizado com o pastor onde indagações sobre estas ditas religiões foram feitas estabelecendo assim um princípio norteador para se pensar o preconceito e a intolerância religiosa que sofrem às religiões de matriz africana.

Assim como o padre, o pastor também tem um entendimento sobre as religiões afro, chegando a seguir um canal de um terreiro para saber mais sobre os seus cultos e ideologias, tendo muito interesse sobre o que os/as adeptos/as

acreditam, o Pastor Samuel relata suas concepções com base na sua doutrina religiosa.

Sobre o que este sabe sobre o Candomblé e a Umbanda, o pastor Samuel expõe as diferenciações sobre as mesmas, afirmando que apesar de terem origens iguais se diferenciam em suas formas de cultos. Tendo muito conhecimento sobre estas dadas religiões, o pastor Samuel traz os debates acerca da Umbanda e da sua mescla no que se refere a sua forma de cultos.

Tal mescla levantada pelo entrevistado se refere às características e elementos de outras religiões presentes na Umbanda, afirmando que tem muita discussão sobre isto, nas questões desta mistura religiosa que interfere na especificidade de cada religião e modo de conceber o sagrado.

Sobre os elementos ritualísticos da religião afro, Samuel diz ter um conhecimento mais elevado no que se refere à Umbanda, podendo isto estar atrelado a forma de como foi formando a Umbanda no Brasil e sua rápida difusão para todos os estados. Sobre os cultos, uma informação muito relevante, levantada pelo religioso, se refere aos passes que são dados nesta religião, purificação, giras e incorporações dos espíritos.

Tendo contato com pessoas desta religião, Samuel diz ter conversas sobre o que os umbandistas acreditam e como os cultos são elaborados., a partir daí este vem a ter um maior conhecimento em relação às divindades e às representações destes em seus ritos.

Acerca das divindades e especificamente sobre exu, o entrevistado demonstra saber seu significado para os umbandistas, na qual é tido como um espírito de luz; atualmente através de cultos em diferentes igrejas e nos que são transmitidos na televisão; Exu, pombagira é colocado como sendo a razão da destruição da vida pessoal do indivíduo em todos os aspectos possíveis, a partir desta discussão dos ritos levantada com o pastor Samuel, pode-se observar que o acesso à informação correta sobre religião influencia muito sobre como os outros vão vê-la, desmistificando noções preconceituosas e estereotipadas atribuídas a cultura afro e seu elemento religioso.

Em relação à doutrina religiosa da umbanda Samuel mostrou ser um grande entendedor de como esta questão está presente dentro de uma casa de umbanda, isto fica evidente quando este coloca como proibições incorporar fora de sua casa

de frequência, assim como a responsabilidade em relação a ritualística que envolve sua religião.

Sendo um pastor protestante, Samuel reconhece que estas são religiões, pois possuem uma doutrina, porém como sua religião estabelece um único Deus, às formas de como às religiões veem o sagrado são vistas como idolatria, pois estaria mais focado na questão das criações divinas do que no Deus único, como este ressalta, essas questões de idolatria se estenderiam dos Santos Católicos e aos guias espirituais das religiões afro-brasileiras.

Segundo a doutrina cristã protestante, como colocado por Samuel, a idolatria seria um pecado por parar de olhar ao ser superior e olhar para a criação em si, esta criação pode ser o amor exacerbado a si mesmo/a, deuses, ou aos vícios em si, essa questão referente à Umbanda no culto aos espíritos, consultas aos búzios, seriam um erro, pecado aos olhos do ser superior; o único Deus, como ressalta Samuel a partir da fé cristã, Deus seria o mais necessário.

Esse “erro teológico”, como é colocado por Samuel, sobre o modo de ver o sagrado que é presente no catolicismo e no umbandismo seria por estes verem Deus de modo somente eminente, quando o Deus único viria a ter duas significações, sendo este transcendente e eminente, tendo o desejo de vir de encontro a sua criação, apesar de termos defeitos e sermos pecadores/as, uma fala feita pelo entrevistado acerca de sua doutrina corrobora com as discussões levantadas sobre como os discursos influenciam na visão da população sobre outras religiosidades.

Para Samuel, Deus cuidaria de sua criação, isso viria dos animais até os seres humanos, e a partir daí não seria necessário procurar os guias e outros deuses para se debruçar e reverenciá-lo; segundo a fé cristã não precisaria de amuletos ou coisa semelhante para se comunicar com seu Deus. O Deus cristão agiria na simplicidade; ao acreditar em um único Deus a partir do que sua doutrina cristã indica, essas outras religiosidades pecariam na forma de conceber o sagrado.

Vale ressaltar que o sincretismo religioso assim como abordado pelo padre se fez presente nas considerações do pastor; segundo Samuel, no meio pentecostal tem uma vertente que começou no sul do país, tendo essa mescla religiosa, denominada *reteté*, essa vertente religiosa partiria pelo mesmo princípio das religiões afro nas incorporações que ocorrem na gira, porém, com o diferencial de

que o espírito santo estaria no fiel, no culto, louvor ou oração que ocorre na igreja, nas comparações feitas em vídeos nas duas formas religiosas, Samuel reconhece semelhanças dentro dessa vertente religiosa, sendo o *reteté* uma vertente criticada pelas semelhanças em relação aos cultos afro-brasileiros.

Samuel em sua fala frisou muito a questão da identidade religiosa que cada religião deve ter, a problemática do sincretismo religioso no apagamento da identidade religiosa se torna algo de muita preocupação dentro da doutrina religiosa, e no entendimento de líderes religiosos/as. Na vivência religiosa é preciso se desprender de outra bagagem religiosa se acaso for aderir a outro tipo de religião, pois cada religião tem uma especificidade e uma doutrina religiosa a ser seguida.

Os elementos levantados sobre as religiões de matriz africana acerca do aumento do número de adeptos/as dessas dadas religiões, Samuel aponta que um fator essencial que colabora com a ampliação de seguidores/as, da religião se dá a partir da abertura que esta religião proporciona, além de uma propaganda, como colocado pelo mesmo, os discursos são um importante fator; com as leis que fazem referências às religiões, muitos/as pastores optaram por diminuir os radicalismos apresentados aos fiéis focando mais na sua própria cristandade.

Atualmente as religiões afro-brasileiras vem ganhando cada vez mais espaço nas mídias digitais, essa voz que agora é ouvida por muitas pessoas, em um passado não muito distante, foi silenciada, mas, no presente, as representações religiosas estão sendo contadas pelos/as próprios/as adeptos/as da religião, nos canais do youtube, em podcasts, *Tik tok*³, entre outros. Fazer as vozes dos/as oprimidos/as serem ouvidas é o caminho para a mudança em relação aos discursos sobre as religiões afro-brasileiras, ao quebrar estereótipos negativos sobre a religião é importante para que esta seja ouvida e respeitada assim como qualquer outra que prega um Deus único (monoteísmo).

Assim como busquei a compreensão de como as religiões de matriz africana estão sendo entendidas por diferentes perspectivas, entrevistando um padre e um pastor, procurei sanar questionamentos acerca das religiosidades com um pai de santo em Nova Andradina. Na entrevista que desenrolou-se com o pai de santo que denominei de Carlos, optou-se por assuntos referentes à doutrina das religiões de matriz afro-brasileiras. A partir das perspectivas apresentadas por Carlos, pode-se

³ *Tik tok* é uma rede social de vídeos curtos, aqueles/as que o utilizam, tratam de diversos assuntos, sendo estes religiosos, dança, combate a discriminações, política entre outros.

compreender como são entendidas as religiões de matriz africana, sendo destacado seu real significado na entrevista, algo que difere de representações atreladas a estas religiosidades. O pai de santo Carlos é da mesma casa em que a entrevistada denominada de Ana, cujo relato apresentarei posteriormente, frequenta. Carlos estabelece de maneira ampla como a espiritualidade está presente nessa casa de santo e a maneira que optou para trazer a religião de modo a modificar estereótipos e preconceitos atribuídos a ela. Seus preceitos são totalmente voltados à ajuda da população e à quebra de trabalhos feitos⁴. A casa de santo é da religião Candomblé e ao ser questionado sobre quais as diferenciações acerca dessas duas religiões de matriz africana, Umbanda e Candomblé; Carlos estabelece que a segunda tem um fundamento mais rigoroso em questões de hierarquia e os papéis estabelecidos às pessoas, enquanto a primeira, apesar de ter o culto aos santos africanos, também incorpora em seus ritos as divindades brasileiras, não tendo a noção hierárquica como foco. Estas divindades seriam a linha dos vovôs (preto velho), os indígenas (caboclo) e a linha das crianças, que seriam a tríade da Umbanda, o pilar de seus cultos; sua casa de santos traz os cultos aos orixás, com o culto às sete linhas de Umbanda e a linha de esquerda que é exu e pomba gira.

No que se refere aos termos utilizados dentro da Umbanda, um bastante significativo, tanto para os candomblecistas quanto para os umbandistas, seria o ori (cabeça), o ori é o lugar do sagrado e quem é autorizado a colocar a mão na cabeça são as pessoas de maior autoridade dentro da religião, sendo estes o pai ou a mãe de santo.

Ao perguntar sobre o porquê da expressão macumbeiro estar muito atrelada aos praticantes das religiões afro-brasileiras, Carlos, ressalta que a muito tempo o desconhecido é mal visto, isto ocorre com as benzedadeiras de antigamente que tinham um conhecimento sobre as ervas, o medo do desconhecido é algo que rege as pessoas e a partir dessa perspectiva, surge a expressão macumba⁵ para causar um certo medo na população no que se refere aos cultos e às divindades afro.

Acerca das oferendas e do significado por trás de cada prato do orixá, tema abordado na entrevista, o pai de santo explicou que as oferendas e a diversidade de pratos das entidades estão mais fortes no Candomblé, sendo as oferendas um meio

⁴ Os trabalhos dizem respeito a magias negativas que, para as pessoas que creem, ferem o livre arbítrio da pessoa, como trabalhos para separar casal, para destruição da vida de alguém.

⁵ Aqui macumba faz referência à denominação dos trabalhos feitos e aos/às próprios/as praticantes das religiões afro-brasileiras, muitas vezes denominados/as de macumbeiros/as..

de se conectar com o sagrado, fazer agradecimentos ou pedidos. Nos pratos dos orixás sempre teriam elementos que gostam e estavam presentes em sua ancestralidade, estas oferendas seriam colocadas no ponto de força daquela entidade, sendo, por exemplo, exu nas encruzilhadas e Oxum nas águas doces, cachoeiras e rios.

A problemática dos despachos, no que se refere aos impactos ao meio ambiente, vem sendo muito abordada nas mídias digitais e esse foi um problema que trouxe incômodo a Carlos pelo modo como alguns tratam a espiritualidade. Para se diferenciar desta realidade, que alguns terreiros ainda praticam, em sua casa de santo estabelece o cuidado com o meio ambiente, pois estas ações contribuem muito para a aversão que a população tem em relação às religiões afro. Sendo assim, Carlos destaca que os/as filhos/as de santo de sua casa, ao fazerem uma obrigação com o santo, sempre vão preferir recolher depois o que ali foi deixado ou entregar as oferendas em lugares afastados. Em relação ao ato de comer as oferendas por moradores/as de rua ou animais, este diz que vai muito da intenção da pessoa ao fazer aquilo se for necessitado/a, mal não irá fazer.

Em sua casa de santo há muitas festas para as entidades, a mais forte é a festa das crianças, quando são preparados pratos das entidades e logo após são consumidos, existem duas mesas dentro da Umbanda sendo uma destinadas à quebra de trabalhos feitos para o mal e essas oferendas são descartadas.

Um elemento abordado pelo pai de santo foi as proteções utilizadas pelos/as filhos/as de santo, destacando que hoje em dia se tem as guias de proteção consagradas no altar, porém, algo muito utilizado antigamente e mais atrelado aos pretos velhos seriam os chamados patuás, que eram saquinhos confeccionados com elementos de proteção, podendo ser colocados em um ambiente, levados consigo em um bolso, ou deixados em casa com forma de proteção de espíritos obsessores que, para os/as adeptos/as, influenciam as pessoas.

Sendo Carlos um pai de Santo que foi criado em berço cristão, por muito tempo ouviu críticas relacionadas à religião. Segundo ele, às religiões tendem a criticar outras religiões, este sendo o principal erro de discursos sociais, pois não são as religiões que são ruins, as pessoas escolhem ser boas ou não, existem pessoas ruins em todo tipo de religião, para ele é, portanto, equivocado atrelar o mau apenas a um dado tipo de religião.

As mídias digitais, de acordo com Carlos, contribuem muito na divulgação da religião, pois muitas pessoas estão se interessando pelas religiões afro-brasileiras; porém, algumas representações presentes nas mídias, principalmente em *Tik Tok* de homem mostrando o corpo⁶, não é vantajoso para os/as praticantes da religião afro, pois contribuem para a visão estereotipada que está ligada à religião. De acordo com o pai de santo a Umbanda, tradicionalmente tem suas regras, sua doutrina de ensinamento aos/às filhos/as da casa e mostrar o corpo, ainda que seja em representações da entidade, não estaria de acordo com o que a religião prega e tenta ganhar visibilidade através da difusão religiosa. Portanto, esse ato acabaria por perpetuar uma ideia de que a religião não é assunto sério e que deve ser tratado com respeito.

A Umbanda em sua raiz histórica é uma religião sincretista que traz representações católicas em seu rito, onde muitas vezes são incorporadas orações católicas no ritual que está sendo feito; através do sincretismo religioso, Carlos enquanto pai de santo, evidencia que muitas foram suas contribuições para a continuidade das práticas religiosas em uma sociedade majoritariamente cristã, o sincretismo serviu muito em suas concepções, porém, atualmente de acordo com Carlos, é preciso dar uma maior visibilidade às representações afro e suas divindades.

O sincretismo religioso dentro da Umbanda é muito forte e para o pai de santo, modificar as falas em relação aos ritos e a adoração às divindades é necessário, modificar os discursos, pois estes reforçam que acreditam em Deus a partir de uma outra perspectiva, porém essa visibilidade é importante, por exemplo, em vez de falar São Jorge, trazer para fala Ogun, que são os que sincretizam um com o outro.

Para compreender como os discursos influenciam a vida dos adeptos das religiões afro-brasileiras, foram feitas indagações a uma adepta da religião afro sobre o que é atribuído a sua religião, seguindo o mesmo princípio das outras entrevistas, busquei entender o que esta pessoa sofre diariamente por ter uma religião que é pouco aceita por muitos/as.

⁶ Nos vídeos curtos de tik tok há algumas representações de entidades, sendo muito frequente homens mostrando o tronco, essa não seria a representação ideal da entidade dificultando na mudança de perspectivas relacionadas à religião.

Sendo estudante, porém com maioria, busquei trazer como sua religião é entendida em seu convívio tanto familiar, quanto escolar, aqui as relações sociais serão o elemento central de análise. Na entrevista com a aluna que denominei de Ana de uma escola de Nova Andradina-MS levantou-se questionamentos sobre sua religião e sua relação com o divino, na conversa que se seguiu sobre o aspecto religioso em que optou por seguir, Ana trouxe grandes elementos que foram de muita importância na problemática das religiões que se arrastam por muitos anos, a partir de suas vivências dentro da casa de santo de Umbanda. A estudante relata questões preconceituosas que sofre por ser de religião afro-brasileira, além de trazer o significado de elementos que estão presentes nos ritos e nos cultos às divindades, orixás, algo que contradiz as noções sobre as religiões afro que são difundidas a muito tempo.

Sobre o fundamento de sua casa de santo, na qual participa a dois anos, esta diz ser amplamente voltada à caridade e na ajuda ao próximo, onde questões espirituais que precisam ser quebradas não são cobradas, pois os/as filhos/as de santo desta casa têm a ideologia de ajudar aquele/a que está sofrendo; vale salientar que são proibidos/as, de acordo com a mesma, de trabalhar com o mal, pois, é a partir daí em que o preconceito religioso se origina.

Em relação aos cultos que são feitos dentro de terreiro que frequenta, Ana traz vários elementos que são passados aos/às filhos/as da casa, tais como o respeito e compromisso com os orixás. No que diz respeito aos atendimentos ao público isto geralmente ocorre às terças feiras, quando duas linhas são trabalhadas, dentro da umbanda existe o termo de sete linhas onde é escolhido dependendo da casa, dias específicos para trabalhar com a energia de um determinado orixá, sobre este assunto Lísias Nogueira Negrão, (1996, p.82) destaca que às sete linhas de Umbanda são divisões hierárquicas das divindades maiores presentes na religião podendo variar de terreiro para terreiro como trabalhar com essas divindades.

Algo que chama a atenção sobre a fala de Ana são as crenças que envolvem o terreiro que participa nas indagações sobre o que acreditam em relação às divindades. Ana contradiz muitas pessoas que acreditam que as pessoas que fazem parte das religiões afro não acreditam em Deus. Segundo a entrevistada eles/as acreditam em Deus, nos orixás como forças da natureza, e nos guias espirituais que tem a função de ajudar a pessoa a seguir nos caminhos certos.

A pauta do preconceito e intolerância religiosa que se faz muito presente atualmente foi um assunto levantado a partir do qual Ana relata que várias vezes sofreu repressão religiosa, além de insultos tais como: bruxa, macumbeira, quando estava com a roupa branca e as guias utilizadas nas giras que são características das religiões de matriz africana. No ambiente escolar, várias discussões sobre a religião se deram com uma colega de sala, muitos debates nas aulas de Filosofia e Sociologia; segundo Ana foram feitos comentários negativos por uma colega de classe, tendo esta uma concepção negativa da religião muito presente em seu convívio.

No momento da conversa sobre a religião, observou-se uma guia de proteção nas cores vermelho e preto e em relação às guias que são muitas vezes confundidas com colares. Ana trouxe a significação correta desse elemento dentro de seus ensinamentos religiosos; as guias maiores se restringiam somente às giras que ocorrem dentro do terreiro e as menores, que podem colocar no pulso ou no pescoço, são para proteção, sendo consagradas pelo guia espiritual da pessoa para assim estar com os/as filhos/as da casa diariamente, para proteção e ainda tem os chamados contra eguns para protegê-los/as de espíritos obsessores.

A respeito das comparações que geralmente são feitas envolvendo a religião Umbanda, Ana diz que sua religião tem uma especificidade, no imaginário popular se tem a concepção de que esta religião teria raízes satânicas, elemento este que não é verdadeiro. Com estes discursos sobre as religiões afro cada vez mais se tem uma aversão aos guias espirituais que estão presentes na vida da pessoa para instruí-la no melhor caminho; sobre o guia Exu e pombagira, a representação que traz seria de *dar o caminho, o de abrir possibilidades*, e acerca da satanização dos guias espirituais, Ana frisa a questão da escolha pessoal de cada indivíduo, sendo de sua própria índole a opção de seguir o bem ou o mal.

Ana é rodante dentro de seu terreiro, recebendo suas entidades para trabalho, dentro da organização de um terreiro existem hierarquias a serem seguidas, ekedi são filhos/as de santos que trabalham mais na assistência, em seu meio familiar, sendo rodante e participante ativa dentro da religião, a entrevistada relatou que sofre muito preconceito de algumas tias, porém sua mãe e pai respeitam seus ideais sendo sua própria mãe da religião e o pai católico.

Considerações finais

As informações obtidas neste trabalho proporcionaram uma compreensão sobre como as religiões de matriz africana são compreendidas em nossa sociedade. A partir da pesquisa elaborada com uma fonte jornalística e de vivências pessoais de diferentes líderes religiosos da cidade de Nova Andradina- MS, observou-se que os discursos demonizadores no que se referem a outras religiões que diferem da fé cristã persistem em nossa sociedade.

Observou-se que as premissas presentes no jornal *O Pioneiro* da cidade de Nova Andradina, ainda hoje são uma constante dentro dos discursos sociais, muitas mudanças aconteceram nas compreensões sobre as religiões, tomando por base as civilizações passadas, entretanto a partir dos resultados obtidos com esta pesquisa, o elemento religioso do bem e do mal ainda é um assunto que rege a sociedade.

Destaca-se o papel muito influenciador das mídias digitais, na difusão dos valores religiosos dos Umbandistas e dos Candomblecistas, as percepções levantadas a partir das vivências pessoais dos/a entrevistados/a neste trabalho mostram como a doutrina religiosa e os discursos interferem na visão religiosa sobre outras religiões. Esta problemática dos discursos é um elemento muito importante para reflexão, pois, se faz presente no imaginário popular de maneira duradoura, o que consequentemente contribui para compreensões equivocadas sobre as religiões afro-brasileiras.

Conclui-se que as religiões de matriz africana, em suas raízes históricas enfrentaram muita resistência da população no geral, as narrativas propostas pelo pai de santo e pela umbandista comprovam que o preconceito e a intolerância religiosa são muito presentes socialmente, ataques verbais e muitas vezes físicos são muitas vezes retratados nas mídias digitais; tendo por base tais constatações, é importante uma emergência em se estudar as religiões como um todo.

O medo do desconhecido, é uma das principais causas de intolerância religiosa no Brasil, os relatos do pai de santo e da umbandista corroboram com esta perspectiva, pois afirmam que é a partir do não conhecimento das doutrinas religiosas e do que estas acreditam de fato, que resultam no preconceito religioso.

É preciso, portanto, modificar as falácias no que diz respeito às religiões, em um país onde a liberdade religiosa é um direito não deveriam acontecer discursos

que eram difundidos na era das caças às bruxas. Ana, a Umbandista entrevistada, evidencia muitos ataques no que se refere ao seu sagrado, sendo constantemente chamada de bruxa, de macumbeira, tais representações negativas foram o motivo de trazer este assunto para análise.

Ana, sendo estudante, trouxe falas muito importantes no que se refere ao ambiente escolar, ao relatar discursos preconceituosos sofridos durante algumas aulas por uma colega de classe, deixa evidente como o assunto deve ser algo realmente presente dentro da escola. A lei de número 10.639 de 2003 que traz a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das escolas foi essencial para começar a se falar dessa história africana que a muito tempo tentam silenciar. Entretanto, é essencial trazer uma compreensão destas religiosidades para a mudança de discursos, a escola entra como um importante elemento no combate ao preconceito religioso, pois só assim o que está presente na lei supracitada e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pode ser aplicado de maneira mais abrangente, a educação escolar sob tal perspectiva é a chave para uma sociedade para todos/as.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. Carla Bassanezi Pinsky. (Org). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Arte e religiosidade afro-brasileira. Museuafrobrasil, 2017. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/visite/roteiros-de-visita/roteiro-de-visita---detalhe/2017/09/04/arte-e-religiosidade-afro-brasileira>. Acesso em 30 de out. 2023

BRASIL. **Lei nº 10639 de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 7 de set. 2023.

G1. BA e TV Santa Cruz, **Terreiro de candomblé denuncia ataque de intolerância religiosa pelo 2º dia consecutivo no sul da BA**, g1.globo, 2022. Disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/02/15/terreiro-de-candomble-denuncia-at-aque-de-intolerancia-religiosa-pelo-2o-dia-consecutivo-no-sul-da-ba.ghtml>

GONÇALVES, Priscila Malaguti Oliveira, **O Pioneiro: imprensa, religião e política em Nova Andradina**, 2016.

GOMES, Brunno Ferreira. **A história do Candomblé**. Revista In Totum, v. 4, n. 2, 2017.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 135- População residente por religião, cor ou raça e sexo**. Brasília, DF: IBGE, 1991. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/135#resultado>. acesso em: 23 de out. 2023.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Tabela 1969- População residente por situação do domicílio, sexo e religião**. Brasília, DF: IBGE, 2000. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1969#resultado>. acesso em: 23 de out. 2023.

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico de 2010**. Brasília, DF: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?edicao=9749&t=destaques>. acesso em: 23 de out. 2023.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr., 2002.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Carla Bassanezi Pinsky. (Org). **Fontes Históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Magia e religião na Umbanda**. Revista USP, São Paulo (31): 76-89, Setembro/ Novembro, 1996.

O PIONEIRO. Nova Andradina-MT, 19 de novembro de 1967, no. 03.

PARIZI, Vicente Galvão. **Observações necessárias sobre o Candomblé**. O livro dos Orixás: África e Brasil. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

PESTANA, Matheus. **As religiões no Brasil**. religiaoepoder, 2021. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/a-influencia-das-religoes-no-brasil>. Acesso em: 20 de out. 2023.

PRANDI, Reginaldo. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998

SOARES, Afonso Maria Ligorio. **Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio**. Revista de Estudos da Religião, nº 3, 2002.

STEFANI, Dorival de. et al. **Intolerância Religiosa**. Intolerância: uma análise sobre a realidade brasileira. Francis Kanashiro Meneghetti; Dorival De Stefani (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

VASCONCELOS, Sergio Sezino Douets. **Igreja católica e a escravidão no Brasil colônia: uma abordagem cultural**. anpuh.org, 2013. Disponível em: <https://snh2013.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/04-rep-sociais/Artigo%20de%20Sergio%20Douets.pdf>. Acesso em: 18 de Nov. 2023.